

O Ser humano saudável enquanto construtor de pontes

Por ocasião da inauguração do triénio da AMA 2015/18
8.05.2015

"Sinto a essência do meu ser.

Assim fala o sentimento que,

No mundo iluminado pelo Sol,

Se une com as ondas de Luz;

Ele quer oferecer calor

À clareza dos pensamentos,

Ligando o Homem e o Mundo,

Firmemente um com o outro"

Rudolf Steiner

Quando comecei a pensar como desenvolver este tema a minha preocupação era não me tornar demasiado enfadonho com conceitos de medicina e/ou de filosofia antropológica mas sim fazê-lo de forma leve e ao mesmo tempo profunda.

Todo o Ser Humano enquanto ser saudável constrói pontes.

Mas que tipo de pontes?

E o que significa construir pontes?

Passa-nos pela cabeça que, obviamente, a construção de pontes envolve numerosos requisitos, desde a escolha do local, do material, do estilo, do tamanho, etc... Será que estamos a falar destas pontes que, maravilhosamente, encontramos espalhadas pelo mundo? Para que servem além de facilitarem o transporte e as ligações entre ambos os lados?

Um dos requisitos e talvez o mais importante de todos é o da preparação das margens sobre as quais a ponte vai ser construída. Quer um lado receber o outro? Será esta ponte uma mais valia? Ou não?

Qualquer ponte significa ligação, a possibilidade de ir de um lado para outro, mas esta deixa de existir quando ninguém mais passa por ela embora permaneça lá fisicamente e o desuso fá-la cair no esquecimento.

Quando ocupava o meu pensamento com este tema de certa forma veio ter comigo a história do império romano, em particular por ocasião da ascensão de Júlio César. Este episódio é descrito como o momento em que Júlio César atravessa o rio Rubicão, no Norte da Itália.

Por volta do ano 49 a.C. Júlio César, após ter conquistado a Gália, chegou com o seu exército ao lado Norte do rio Rubicão. A Gália deixara de ser “terra bárbara” para pertencer agora ao império romano como mais outra província .

Contudo, os interesses contrários à pessoa de Júlio César cresciam em Roma exercendo um enorme poder no Senado e inclusive sobre a figura do seu pai. Não eram apenas rumores uma vez que uma enorme ameaça pairava sobre Júlio Cesar tendo-lhe sido dada a ordem de que deveria dismantelar o seu exército, o mais poderoso de Roma, e voltar de imediato para Roma.

No entanto, contrariando o próprio pai e todo o senado, Júlio marchou sim em direção a Roma mas comandando a legião que lhe era fiel. Estava instituída a guerra civil romana que decorreu ao longo de muitos anos até ao momento em que Júlio César assumiu o poder como monarca.

Esta história é utilizada pela pedagogia Waldorf para emoldurar o fenómeno que ocorre na criança por volta dos 9-10 anos. É nesta idade que começa a ter uma postura diferente na aula face ao seu professor e também perante os progenitores. Ocorre um certo isolamento, uma tristeza, uma revolta, e inúmeros momentos de dúvidas existenciais e de idoneidade sobre se aquilo que está a aprender é verdade ou não.

Chamamos a isto a “crise do Rubicão”.

A história de desenvolvimento do Eu humano está repleta de pequenos Rubicões.

A criança antes desta idade encontra-se em plena harmonia com o meio que a rodeia estando numa simbiose bondosa. Não questiona se o que recebe é justo ou não nem se é verdadeiro ou não, e é por profunda

imitação que absorve toda a educação, os bons modos, a maneira de reagir, a postura face a qualquer situação. A partir daí o Eu da criança dá um passo atrás e coloca-se à margem da sua própria vida podendo olhar então para ela com maior objectividade. **Decorre naturalmente disto o estranhamento necessário em que a criança se coloca ante o seu passado e diante do seu futuro. Onde estou agora ? Onde estava e para onde vou?.** Todo este caminho é preparatório para o encontro da sua individualidade em 3 âmbitos: Como eu penso, como eu sinto e como eu ajo...culminando na idade adulta em : Quem eu sou?Conheço-me a mim mesmo verdadeiramente?

No primeiro septénio a criança está imersa num mundo que é bom para ela (assim deveria ser) e que faz com que ela desenvolva gratidão para com o mundo. Isto acontece para na idade adulta ela poder desenvolver o sentimento comunitário de Ser ela e de estar no mundo apesar das suas diferenças. Assim como o mundo lhe deu bondosamente tudo e fez que fosse o que é, agora ela passa a dar bondosamente numa atitude interior de co-criação.

Este fenómeno marca a prontidão da criança para manter uma distância do mundo e iniciar a construção das suas pontes face ao mundo que está à sua volta. Ao isolar-se ela consegue ver a necessidade de transpor a barreira a caminho do encontro com o seu Eu adulto, a caminho do seu Pai individual, da sua pátria verdadeiramente aspirada por ele.

César à distância, na Gália, conseguiu criar o distanciamento necessário para poder marchar contra o poder que estava a destruir os seus propósitos.

Construiu assim de maneira simbólica a ponte sobre o rio Rubicão, o que foi registado com a célebre frase "Alea jacta est" (Os dados estão lançados). A ponte que permitiu a concretização e a fidelização do seu poder.

O Ser Saudável é aquele que está em equilíbrio entre as margens de um lado que delineiam as forças do pensamento, e as margens do outro lado que convidam para uma acção calorosa e transformadora.

É saudável aquele que constantemente aproveita as suas capacidades cognitivas e volitivas para construir pontes entre o ideal imaginário e o realizado, entre o sonho e a realidade, entre o passado e o futuro, entre

a absorção das substâncias pela alimentação e a excreção dos detritos não desejáveis para a saúde, entre o Amor e o Ódio, entre a renúncia e o apego, entre o marasmo e o movimento, entre o repouso e o cansaço.

Em cada órgão do ser Humano saudável observamos a presença de forças de destruição e de forças de construção. Enquanto uma destrói algo a outra utiliza o material para construir o novo e a ponte vai surgindo, unindo polaridades e nada se perdendo mas existindo sempre uma constante transformação.

O próprio estado da vida faz-nos deparar com o estar dentro e fora, inspirar e expirar, dormir e acordar, estendendo-se para a alma com a capacidade de Amar dizendo Não.

Em termos de medicina antroposófica estamos a falar do Sistema Rítmico, do maravilhoso Deus Mercúrio, o próprio da Medicina, mercador entre o Céu e a Terra, equilibrador de polaridades.

É o sistema rítmico representado no Ser Humano Saudável pelo Coração e Pulmões que está constantemente a criar pontes entre o Neurossensorial e o Volitivometabólico.

Esta imagem de quando César atravessa o Rubicão de regresso a Roma, mas levando consigo o seu exército e tudo o que ele havia conseguido construir dentro de si, pode ser transposta para o papel que a medicina antroposófica tem no mundo. O papel de ampliar a medicina científico-convencional com os conceitos adquiridos pelos estudos da ciência antroposófica aplicados no ser humano.

É uma medicina que não fica estagnada e parada numa das margens gozando os tesouros adquiridos, comprazendo-se numa filosofia espiritual inatingível, nem fica parada noutra margem gozando das explicações materialistas que reduzem o Ser Humano ao conjunto dos elementos e também não fica a pensar ser impossível transpor o rio por alternativa própria. Ela constrói pontes, ela marcha com a legião de conhecimentos materialistas e espirituais em direção ao cumprimento da missão do terapeuta que visa trazer a harmonia entre as diferentes margens. Deste modo, a medicina antroposófica não é uma alternativa pois não se trata de uma escolha em vez de outra, mas sim a integração e a harmonia dos conhecimentos de um lado e do outro, ampliando-os para a dimensão infinita do pensamento. Aquilo que é oculto e de certo

modo dogma da dádiva dos deuses torna-se perfeitamente integrado na visão acurada do cientista moderno.

Se me permitem fazer uma analogia, a 15 de Novembro de 2001 foi feita a escritura da AMA por um grupo de pessoas que amorosamente idealizaram a Associação... 6 anos volvidos, em Janeiro de 2007, a AMA fez o registo do início da sua actividade nas finanças.

Hoje estamos a celebrar o 9^a ano de actividade oficial da AMA, encontrando-nos no 14^a ano da sua idealização.

Encontramo-nos em duas situações, uma diante do rio Rubicão que nos convida a atravessá-lo, visto por quem está de fora com certa estranheza pois a própria AMA precisou de olhar para dentro de si e ver o que carregava consigo até então; outra diante do estado sentimental do apaixonado e solitário próprio da adolescência.

Mas com certeza que o que nos orienta e fortalece é ter tido uma primeira infância cheia de veneração e de exemplos, uma crise de interiorização – Quem somos nós e o que queremos - o Rubicão, além do impulso e da ambição do encontro com o nosso principal objectivo que é o de sermos uma Associação construtora de pontes entre terapeutas-médicos e utentes, entre a saúde e a doença, entre o pensamento claro e objectivo da antroposofia e a prática simples e amorosa do exercer terapêutico.

É necessário que todos estejamos com o mesmo objectivo e com confiança mútua vamos conseguir construir uma linda ponte entre o Calor do Mundo e a clareza do Pensamento, como diz R. Steiner no verso citado no início.

O próprio símbolo adoptado pela AMA carrega o Calor na sua base e é iluminado por cima, a lemniscata faz a ponte entre o Pensar e o Querer em profunda identidade com o Sentir, em completa actividade orgânica com o mundo através do nosso coração.

Mauro Menuzzi